



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00



EDITORIAL

O Quim de Fão voltou e foi o caraças. Atirou-se aos futebolistas de Fão que se inscreveram em clubes vizinhos como Santiago aos mouros. Algumas pessoas sentiram-se «tocadas» e fizeram comentários nada magnânimos para com o autor dos «Pontos de vista», comentários que de uma forma ou de outra nos vieram bater à porta.

Queremos dizer, a propósito, que damos carta branca aos nossos colaboradores, apenas pedindo-lhes para se sobrestarem em duas coisas:

a) Que não escrevam algo que possa deteriorar as relações entre Fão e Esposende.

b) Que não se metam com a vida particular das pessoas.

De resto, **ad libitum**, com uma certa dose de bom senso, sem dúvida. É evidente que se nos aparecer algum texto com referências elogiosas aos campos de concentração nazis, nós mandamos o seu autor dar a volta. E se vier alguém defender dogmaticamente a sua religião ou política, nós aconselhamo-lo a dar outra volta.

Resta assim um grande campo de manobra para quem pretender espriar-se nas colunas deste jornal, no pressuposto de que a possível e desejável pluralidade de ideias nele veiculada só lhe será benéfica.

Quim de Fão apresenta os seus «pontos de vista». Concordamos com os últimos?

Vejamos:

É nossa convicção que os habitantes de uma localidade têm deveres a cumprir para com a terra onde nasceram ou onde vivem. Quando uma pessoa nasce encontra já toda uma série de instituições que a vão beneficiar assim como beneficiam já os seus conterrâneos. A sua atitude deverá ser a de vir a ajudar esses organismos e até, se possível, a de criar outros, sempre a bem da terra. Daí a frase consagrada e já gasta: «É preciso manter e até ampliar o património que os nossos antepassados nos legaram».

Um certo filosofar sobre questões de futebol

Analisemos agora um grupo desportivo. Ele é constituído por uma direcção, pelos associados e pelos jogadores. Quem deve preencher os seus quadros? Em princípio as pessoas do lugar. É certo que no caso do futebol e devido ao profissionalismo que nele se implantou e ao desejo de vitória que o acossa, os clubes acostumaram-se a recrutar jogadores fora de portas.

Porém, em Fão, ainda não chegou o profissionalismo e nestas circunstâncias a sua ausência tem de ser compensada por mãos cheias de bairrismo. Ora bairrismo pressupõe antes do mais gente do bairro, o que quer dizer que um clube de futebol como o de Fão deve ser preenchido por gente da terra, pois é um dever das gentes de uma localidade ajudar a manter as suas instituições.

Este sentimento de solidariedade que

une os habitantes a uma terra tem implicações mútuas, o que significa que um cidadão, enquanto fazendo parte de uma comunidade local, tem direitos e deveres. Um exemplo: Se vamos de automóvel pela estrada fora e encontramos um conterrâneo em atitude de quem quer uma boleia, quase que nos sentimos obrigados (sentimento de dever) a parar o carro. Se o não fizermos, o indivíduo em questão como que sente o **direito** de mentalmente insultar a nossa mãezinha. Escolhemos este exemplo mas poderíamos escolher mais. Para provar que nos unem sem dúvida la-

ços de solidariedade à circunscrição de vizinhos e às suas manifestações (leia-se instituições).

No concelho de Esposende e no que ao futebol diz respeito, há freguesias cujos habitantes denotam um sentido de agregação notável. Os jogadores prestam jus à bandeira dos seus clubes.

A terra fangueira tem no seu historial exemplos plenos de bairrismo. Afiançamos, no entanto, que neste ano de 1989 há jogadores fangueiros inscritos nos clubes dos arredores que bondariam para formar uma equipa. Assim sendo, e excluindo o caso de integração em clubes de maior nomeada com maiores benefícios económicos e sociais (isto é outra guerra), entendemos que as lamentações do Quim de Fão se apresentam correctas.

O Clube Futebol de Fão é um organismo fangueiro que todos devemos acarinhar.

DIA DO BOLO

Integrado no programa das realizações da Cooperativa Cultural de Fão embora segundo o costume que vem de há anos, realizou-se no dia 26 de Agosto, portanto, num sábado, o Dia do Bolo destinado ao prémio escolar Prof. Pio Rodrigues.

Dizemos somente que correu ao mesmo nível das outras realizações levadas a cabo pela Cooperativa. A primeira dificuldade que se apresentava aos seus realizadores era a questão da sala. A dr.ª Ró deu uma sugestão; a sede da Junta. Falou-se com o Presidente que imediatamente acedeu ao nosso pedido. O seu irmão António, que é o Tesoureiro, entregou-nos uma sala impecável que até continha um vaso com flores (ó António não era preciso tanto). Depois foi só esperar pela tradicional fidalgula fangueira que nestes casos é imbatível, e pelos compradores, atraídos pela fama da saborosa doçaria de Fão.

Bem, antes de começar, o resultado é uma incógnita e há como que um aperto no coração dos responsáveis. Virão os doces? Haverá compradores? Por volta das 10,30 horas começaram a aparecer as primeiras mensagens: doçaria dá fina e da melhor. E os casos curiosos também começaram a surgir. Veio uma senhora com um bolo, aliás vistoso, e «colado» a ela um cavalheiro que logo disse para a responsável-mor, Zita Saraiva: «O bolo desta senhora é para mim». Claro que se lhe fez a vontade. Outros casos muito parecidos se deram. Às tantas entra

uma revoada de turistas holandeses do Hotel Ofir. Houve o cuidado de se colocar nos quartos das unidades hoteleiras da zona uma carta, convidando os hóspedes a virem provar os magníficos pastéis fangueiros. Valeu a pena essa diligência. Mas voltando aos turistas holandeses que vieram em grupo, houve a necessidade de lhes explicar que o que mais interessava era vender os bolos inteiros e que não havia bebidas. Lá foram dar um passeio e depois entraram aos pares e viraram-se para as clarinbas. A certa altura apareceu um casal bem posto, gente da fina. Eram portugueses. Tivemos a curiosidade de lhes perguntar como é que tinham sabido do dia do bolo. Estavam hospedados no Hotel Ofir e tinham lido a carta. Vieram ver como era. Levaram uma dúzia de clarinbas. O curioso é que à tarde vieram outra vez e o chato da questão é que naquele momento (6 da tarde) não havia bolos para ninguém. Muito menos clarinbas. Já estávamos a fechar a loja quando nos apareceu a última benemerita. Trazia precisamente os doces desejados pelo casal lisboeta. Não estivemos com meias medidas e fomos levar os pastéis ao Hotel. Fão ficou com a amizade de um credenciado casal de Lisboa. Para o ano cá estarão.

Algumas pessoas compravam os bolos e tornavam a oferecê-los para que fossem vendidos a outros. Muita generosidade. Estamos a lembrar o caso do Madureira. Trazia para oferecer um, aliás, uma bola de carne

(que foi disputada quase a murro) e um bolo que era do seu cunhado, o Arq.º Pádua. Mas ele queria comprar o do cunhado e o cunhado levava o seu. Logo de início apareceu um bolo de 5 quilos. Levantou-se uma dúvida: alguém o compraria? Havia sempre a certeza que o hotel do Pinhal ficaria com ele. Não foi preciso. Apareceram três concorrentes. Por sorte nossa, muita gente nesse dia comemorava anos.

Em preito de agradecimento deixamos aqui os nomes das pessoas que ofereceram bolos (não foi possível fixar os nomes dos compradores). por ordem de chegada: Zita Saraiva, Filomena Oliveira, Dr.ª Margarida Reis, Margarida Duarte, José Manuel Brás (o tal inglês que se radicou em Fão), Dr.ª Maria Emília Corte-Real, Dr. Oscar Ferreira Gomes, Eng.º Macedo, Maria Helena Viana, Rosália Torres Saraiva, Regina do Vale, Cecília Amorim, Eduarda Viana, Maria Morais, Maria Fátima de Sousa, Hotel do Pinhal, Dr.ª Rosa Torres, Flora Borda, Hirondina Lopes, Hotel Ofir, Cândida Soares, Arq.º Pádua Ramos, José Madureira, Maria Martins Lima, Olga Campos, Maria (Quinas) Pereira, Dr.ª Zélia Morais, Palmira Borda, Maria José Borda Rodrigues, Maria Teresa Agonia Pereira, Aleixo Ferreira, Isabel Maria Cabral Alves, Esperança Cubelo, Arq.º Rui Leal, Augusta Morais, Dr.ª Fernanda Soares, Maria Angelina Soares Pinto Monteiro, Elvira Cubelo, Berta Campos, Eng.º José Teixeira.

A receita atingiu esc.: 53.500\$00, mas nós vamos arranjar alguém para arredondar isto.

(Continua na pág. 4)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

TIO PREGUEIRO (Joaquim Maria de Oliveira)



las casas (Campos Morais, Pinto de Campos) e não menos esplendorosos mausulêus.

Dizemos fim do século porque os principais jazigos estão a nascente, do lado da estrada, e esta só se abriu após a inauguração da ponte que botou lá para a última década do século anterior. Foi a partir desta data ou por essa altura (o precioso arquivo da Junta de Fão continua fora de Fão), que se abriu o actual portão, pois dantes a entrada fazia-se pelo lado de Santo António.

Vários artistas fangueiros estiveram ligados às obras do Cemitério mas asseveram-nos que o mais completo, o mais laborioso, teria sido o Tio Pregueiro, cujo nome completo era Joaquim Maria de Oliveira.

O apelido Pregueiro deriva de prego. O pai do Tio Pregueiro tinha uma loja de pregos na R. Serpa Pinto, na mesma casa onde mais tarde o Xeilho e depois o Vitorino exploraram uma mercearia.

O Joaquim Pregueiro tinha um irmão, António, mas nenhum deles seguiu o ofício do pai.

O cemitério de Fão é célebre e rico pelos trabalhos de cantaria que adornam alguns jazigos ali levantados. Nenhuma freguesia do concelho se avanta em arte ao de Fão e mesmo a maioria das vilas e até algumas cidades portuguesas muito se honrariam se as moradas dos seus mortos tivessem a sumptuosidade que alguns mausulêus locais apresentam.

Os fangueiros sentem orgulho no seu cemitério e tão grande ele é que há anos, quando se pensou numa variante a Fão que passam a poente da estrada nacional n.º 13, um dos argumentos que a imprensa de altura invocou contra a ideia residiu no facto de os jazigos do cemitério deixarem de ser vistos pelos passantes.

Argumento ingénua, sem dúvida, mas com carradas de orgulho à mistura.

Desde pequenino habituámo-nos a admirar os trabalhos de pedra filigranada ali expostos. Custáva-nos a aceitar que aqueles rosários, anjinhos, coruchêus, argolas, cordames se mantivessem no ar ligados por finos supedâneos. Como é que se trabalhava a pedra e esta não partia? Depois o rigor, a certeza do cinzel que retirava da pedra bruta todas as mínimas excrescências que desfiguravam o natural causava-nos espanto. Aquilo requeria rigor, precisão, delicadeza, paciência, sentido de proporcionalidade, engenho também da parte do cinzelador, ou canteiro ou labrista. Labrista porquê? Labrista vem de labrar que é uma corruptela de lavar... a pedra, que o mesmo é cinzelar. (Esperamos que os doutos filólogos não nos caiam em cima com estas divagações à margem).

Ora bem, um dos segredos desta técnica, isto é, evitar ou conseguir que as pedras erodidas pelo cinzel não partissem, soubemo-lo mais tarde: os artistas, à medida que iam lavrando as pedras, logo as rodeavam ou resguardavam com uma massa de gesso, gesso este que depois desaparecia ou se desregrava quando quando lhe punham água.

Os principais jazigos de Fão remontam aos fins do séc. XIX, princípios do séc. XX. A sua feitura está ligada à era dos «brasileiros», uma época áurea do Brasil para onde acorriam os nossos conterrâneos, vamos dizer os nossos familiares (quem é que não teve uma pessoa de família no Brasil?), para abanar a árvore das patacas. Creemos ter sido uma época de esplendor ligada à exploração da borracha. O certo é que muitos fangueiros vieram carregados de patacas e com elas construíram be-



Um jazigo do Tio Pregueiro

Dá para pensar como é que uma loja de pregos conseguia sobreviver. É que os pregos não se conseguiam com a facilidade de hoje. Fabricavam-se em oficinas locais e o pai do tio Pregueiro fazia pregos que deviam ser vendidos profusamente, pois havia nas Pedreiras, por essa altura dois estaleiros navais e em «Fão» outros dois.

TERRA E MAR

*Eles vão a cantar entre as parreiras,
desde o romper do dia até sol pôr;
E trazem entre as mãos trabalhadeiras
As uvas que serão depois licor.*

*Eles vão a cantar entre as searas,
debaixo dum sol quente de verão,
e já trazem nas mãos rudes e caras,
a futura farinha e o doce pão.*

*Eles vão entre as ondas avançando...
Rodeados de vento e maresia,
E nas redes imensas transportando,
O que chamam seu pão de cada dia.*

DINIS DE VILARELHO

Ambos os irmãos foram para o Brasil tentar a vida. O António ficou por lá e o Joaquim, após alguns anos, voltou à terra, continuando a vida de pedreiro que praticara da «banda di lá». Trabalhou então com o velho Labrista e mais tarde com o filho, que foram respectivamente, avô e pai do Eng. Manuel Ribeiro. Com eles desenvolveu a arte de canteiro para o que se sentia especialmente fadado. Com um deles o tio Pregueiro deslocava-se ao Porto para copiar modelos de jazigos que depois construía em Fão.

Teve um estilo próprio? Pertenceu ou integrou-se em qualquer corrente artística do tempo? A sua cultura não lhe soprava a sensibilidade para altos voos. foi um clássico, um naturalista, academista ou ainda realista se quiserem. Encostava-se à Natureza e tentava copiá-la.

Era no entanto senhor de uma técnica e de uma sensibilidade invulgares. Com elas plasmou verdadeiros esdrúsculos de arte que enriquecerão pela vida fora o nosso débil e tão mal tratado património cultural

PAGARAM A ASSINATURA

1985/86 - Augusto Cândido Paula Gonçalves, Braga, 1000\$00; 1986/87/88/89 - Ramiro Sá Cruz, Fão, 2000\$00; 1987/88/89 - Eng. José Gonçalo Ferreira da Areia, Carnaxide, 2000\$00; 1987/88 - D. Ismênia de Sá Peretra, Fão, 1000\$00 e António Rodrigues Dias, Fão, 1000\$00; 1988 - Amândio Cardoso da Silva, Fão, 500\$00; D. M.ª de Lurdes Fernandes Pereira, Fão, 500\$00; Francisco Gomes de Amorim, Fão, 500\$00; Joaquim Matos de Freitas, Fão, 500\$00; Carlos Barra Reis, Fão, 500\$00; Eng. José Cândido Mendanha Gonçalves, Braga, 500\$00; Félix Manuel Gafém Soares, Guimarães, 500\$00; D. Esperança Cubelo Arantes, Fão, 500\$00; D. Maria Amélia Gomes da Costa, Porto, 500\$00; 1988/89 - António Augusto Gomes Ferreira, Póvoa de Varzim, 1000\$00; Artur dos Santos Ferreira, Gandra, 1000\$00; D. M.ª de Lurdes Mendes Soares, Fão, 1000\$00; Américo Esteves, Fão, 1000\$00; 1989 - D. Maria Teresa Amoroso Nobre Lopes Vale, Porto, 500\$00; Menino Gustavo Vilaça Valle, Porto, 500\$00; Alberto Alves Simões, Brasil, 1000\$00; Valdemiro Lopes Cardoso, Fão, 500\$00; Cândido Casanova, Fão, 500\$00; Francisco Vilar Soares, Porto, 500\$00; Domingos Júlio Fernandes Lemos, USA, 1000\$00; D. Laurentina Ribeiro da Silva, Fão, 500\$00; Armando Gomes da Silva, Fão, 500\$00; Adelino Campos Monteiro, Fão, 500\$00; Eng. Manuel Malafata Baptista, Porto, 500\$00; Dr. Joaquim Amândio Gafém Soares, Fão, 500\$00; Aurélio F. Filipe, Fão, 500\$00; D. M.ª Hermínia de Jesus Silva, Fão, 500\$00; José António de Matos Monteiro, Fão, 1000\$00; Arq.º Noé da Silva Dinis, Porto, 1000\$00; D. M.ª Belmonte Mariz Dias Ferreira, Valongo, 500\$00; Vidrozende, Esposende, 2000\$00; José Barros de Oliveira, Esposende, 500\$00; Eng.º Sérgio Mariz Ferreira, Fão, 500\$00; Júlio Maciel de Oliveira, França, 1000\$00; Amadeu Gonçalves, Barcelos, 500\$00; Alberto Bermudes, Maia, 500\$00; Amândio da Ponte Gafém, Fão, 600\$00; Manuel Sá Pereira, Estoril, 500\$00; Manuel Faria Graça, França, 1000\$00; D. Elvira Cubelo Morais, Fão, 500\$00; D. Aida Mariz Mendes, Porto, 500\$00; Adelino Fonseca Saraiva, Fão, 500\$00; Abel Torres, Brasil, 1000\$00; Manuel Morais, Brasil, 1000\$00; Domingos Reis d'Assunção, Fão, 500\$00; D. Catarina Assunção C. Gonçalves, Póvoa de Varzim, 500\$00; António Morais Casanova, Amadora, 500\$00; João Ribeiro, Suíça, 1000\$00; Orlando Ferreira Graça, França, 1000\$00; Dr. Artur Luís Vinhas Novais, Viana do Castelo, 500\$00; Carlos Artur Ferreira Graça, França, 1000\$00; Manuel Raimundo Domingues Ferreira, Brasil, 1000\$00; José Paulo Ferreira, USA, 1000\$00; Dr. Alberto Malafata Baptista, Porto, 500\$00; D. Ana Maria Gonçalves Faria, Fão, 1000\$00; Fernando Albino Gonçalves Neves, Porto, 500\$00; António Reis Graça, Fão, 500\$00.

O SERVIÇO COSPE-COSPE»

Por JOSÉ CÂNDIDO

Quem viaja pelas nossas estradas e, de vez em quando, tem necessidade de entrar num café, pastelaria ou restaurante para rápida refeição, depara com um serviço que o Dr. Luís Novais classifica, com graça, como serviço «cospe-cospe». Se o leitor não frequenta aqueles lugares e não percebe o serviço assim designado, vamos explicar.

O leitor(a) entra, aproxima-se do balcão e pede qualquer coisa para comer e beber. As sanduiches, os pastéis, os filetes estendem-se à sua frente, bem ao nível da sua boca. Quem planejou o «serviço cospe-cospe» foi cuidadoso — é que nem um só perdigoto que você expele se perde: todos vão, direitinho (como um fusão, dizia a minha avó), aos objectos que, como diz o letrado afixado, «são para exclusivo uso da casa». Se julga escapar e pede para ser servido na mesa, desengane-se o leitor(a): terá que dar forçosamente o seu contributo à «operação cospe-cospe» e, para tal, lhe colocam à frente vários pratos *destapados* precisamente com os mesmos objectos comestíveis que encontraria no balcão. E se for minimamente atento, reparará como, para cada isca ou filete, para cada pastel de nata ou coco, a «operação de cospe-cospe» é uma operação colectiva e bem programada. Aqui, não chegou a modernação agressividade e competitividade entre os agentes de tão meritória acção, destinada talvez, a não deixar secar os tais comestíveis(?). É que os pratos que estão à sua frente aguardando o seu perdigotozito (se acaso não tem um ataque de tosse ou não sofre de catarro do fumador (a propósito, quando deixa de fumar?) já percorreram diversas outras mesas onde crianças e adultos lhes mexeram e cuspiram a seu bel-prazer.

Ao escrevermos esta nota não pretendemos que os Serviços de Saúde (ou outros) comecem a aplicar por aí umas multas, antes exerçam uma acção pedagógica mais de acordo com a sua índole. Mas que, depois dessa acção pedagógica, se os «cábulas» não quiserem aprender a lição, então «chumbem-se». É que com a saúde (nossa ou dos outros) não se brinca e há quem tenha de aprender que há bichinhos menores que as moscas.

Há problemas de poluição que são difíceis de resolver (que não insolúveis, se houver vontade); mas esta poluição dos filetes e dos pastéis de nata é simples de eliminar; bom senso e higiene bastam.

AUMENTE O SEU COLESTEROL

Então de regresso das férias? para não perder o hábito vamos lá ajudar o colesterol à já habitual subidinha? Começemos com os

OVOS BONS

Ovos cozidos — 8.
Manteiga (ou margarina) — 50 gramas.
Farinha triga — 60 gramas.
Leite — meio litro.

Derrete-se a manteiga, junta-se-lhe a farinha e mexe-se só até ligar. Deita-se-lhe, então o leite bem quente, mexendo sempre até obter um creme branco, e junta-se uma pitadinha de sal e outra de pimenta.

Num pirex colocam-se os ovos cozidos partidos às rodelas, e por cima espalham-se camarões cozidos e descascados.

Cobre-se tudo com o creme, põem-se uns bocadinhos de manteiga e cobre-se com queijo ralado.

Vai ao forno só para tostar, e serve-se em seguida.

BOLO PRIMAVERA

Ovos — 6.
Açúcar — igual ao peso de 6 ovos inteiros.
Farinha — igual ao peso de 3 ovos inteiros.
Fermento — 1 colher de chá.

Bate-se as gemas com o açúcar, junta-se o fermento e a farinha. Por fim, as claras batidas em castelo.

Vai ao forno, não muito quente, em forma untada com manteiga. Depois de cozido, recheia-se com compota de laranja e cobre-se com glacé, previamente aromatizado de laranja.

Por fim, enfeita-se com amêndoas.

Epor hoje, é tudo. Bom apetite e bom regresso ao trabalho, são os votos da

TIA MARIQUINHAS

ENTRE NÓS

Muitos contrerrâneos nossos que trabalham lá fora vieram até nós retemperar forças.

Lembra-nos ter visto:

Do Canadá — Boaventura Barros Peixoto.

De França — José Oliveira Faria, Joaquim Magalhães, Joaquim Miranda Ferreira, José Morim de Faria, Carlos Ferreira Graça, Elias Ferreira Graça, Orlando Ferreira Graça, Olímpio Faria Graça, Manuel Faria Graça, Domingos de Araújo Ferreira (Eusébio), Francisco de Araújo Ferreira, Manuel Arantes Gomes e José de Freitas.

Boa estada e bom regresso.

JANTAR DE HOMENAGEM

Dantes, a propósito de qualquer coisa, fazia-se um jantar de homenagem. Estes jantares acabavam por ser reuniões de convívio que são sempre salutaras. Há muito que não se faz em Fão um desses jantares convívio. Estávamos tentado a sugerir à recém criada Cooperativa que promovia uma dessas reuniões e íamos até dar-lhe o mote. Mas a coisa não pode ser. É que um dos homenageados desta feita seria precisamente o seu Presidente ou seja o nosso amigo José Duarte, pelo muito que fez nestas férias e não só a bem de Fão. Mas ele não está só. Juntaríamos à lista esse grande amigo das belezas de Fão que é o arquitecto Pádua Ramos. Íamos ainda mais longe: englobaríamos no mesmo abraço o dr. Carvalho de Matos pela sua inextinguível dedicação ao futebol. Resumindo: estas três personagens, que não são de Fão excederam-se em amostras de amor à terra.

Como se depreende, não pode ser a Cooperativa a promover esta FESTA por motivos óbvios. Querirá a Junta arcar com o peso dessa iniciativa? Só lhe ficava bem.

SINALIZAÇÃO ERRADA

Junto ao edifício do Banco, na Rua da Igreja, encontra-se um sinal de trânsito a impedir a passagem para a Rua Azevedo Coutinho. Os automóveis que pretendem «entrar» em Fão, depois de virarem na descida da Igreja, entram na rua que tem este nome e esbarram com o referido sinal. Flectem então para a direita e entram na R. P. e António Nogueira, seguem em frente e normalmente viram depois à esquerda para o Largo do Fontes. Chegados aqui é o diabo. Andam às voltas, às voltas, rogam meia dúzia de pragas àquele sinal de trânsito naquele sítio ou a quem o pôs ali e, com a ajuda de uma alma caridosa, lá conseguem voltar para trás. Outros, mais afoitos, metem o carro na R. de Cima e sentem-se verdadeiramente encurralados. Mais pragas ao presidente da Junta e com a ajuda de outra alma caridosa enfiam pela Trav. Azevedo Coutinho e entram finalmente na Av. Dr. Manuel Pães.

Se não virarem para o Largo do Fontes os automóveis vão ter à estrada nacional de onde vieram. Trata-se em suma de um sinal que além de não ser eficaz é enganador.

DIA DO BOLO

(Continuado da pág. 2)

O bar que funciona junto à sede da Junta deu apoio logístico e os Vianas Juniores mostraram-se colaborantes.

O prémio Prof. Pio Rodrigues vai já a caminhar dos trezentos contos e em termos de prémio escolar será aplicado já este ano. P.S.: Já depois desta nota escrita recebemos do nosso bom amigo do Porto e sócio fundador da Cooperativa, Fernando de Almeida, um cheque de esc.: 1.000\$00 para o dia do bolo, pelo que o total se cifra em esc.: 54.500\$00. Obrigadinho.

★★★★★



estalagem
PARQUE
DO RIO

OFIR
PORTUGAL



UM LUGAR TRANQUILO

Tel. 961521-2-3-4 — Telex 32066

PÁGINA JOVEM

CRIANÇA

Olá, jovens! Então essas férias? Oxalá que tenham sido boas, para entrarem cheios de energia no novo ano escolar! É mais uma etapa a vencer, mais um desafio que vos é posto, mas que não vos falte força de vontade para enfrentar. Então ... vamos a isso?

A VIDA DE UM PEQUENO RIACHO

Por FLORBELA GONÇALVES

(Continuado do número anterior)

Passaram os dias. O incêndio acabou mas a floresta ficou num estado deplorável: quase já não existiam árvores, na sua maior parte foram queimadas e as que tinham escapado ficaram negras como o carvão, das flores, nem uma sobrara.

Foi como uma praga que tivesse penetrado naquele mundo maravilhoso. O pequeno riacho agora já não era o mesmo: as suas águas tornaram-se pretas e cheias de impurezas; os peixes, tinham morrido.

Agora só lhe restava recordar o que aquela floresta fôra em tempos maravilhosos, agradáveis e felizes. Mas o tempo foi passando. Pouco a pouco, o riacho foi expulsando as suas impurezas e tornando-se mais claro.

Após alguns anos foram aparecendo novas flores, crescendo várias árvores, mas ainda muito pequeninas. aos poucos, foram regressando os animais.

A floresta ia-se recompondo, mas conseguiria recompôr-se mesmo? Sim, ele conseguiu iniciando assim uma sucessão secundária. após esse tempo toda a floresta começou a aumentar, tornando-se verde e fresca, as cúpulas de algumas árvores eram redondas e verdes, seus troncos eram direitos, outras eram esguias. começou o Inverno, os animais ainda não tinham alimentos suficientes e abrigos.

(Continua)

PAUSA PARA SORRIR

Uma senhora, conhecida por ser muito bisbilhoteira, estava a falar com outra:

— Credo, minha amiga! Tem um nariz tão comprido!

Calmamente, a outra responde:
— É porque não o desgasto a metê-lo na vida alheia!...

★

Conversando entre homens:

— Muito vaidosas são as mulheres! Imagina que a Lulu casou com um negro só porque alguém lhe disse que o preto lhe ficava bem!...

★

Um homem com fama de tagarela, contou um certo facto a outro, pedindo-lhe para guardar segredo.

O outro prometeu-lhe ironicamente:
— Descanse, que serei tão discreto como você!

★

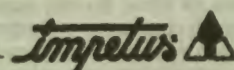
Na rua. O marido pergunta à esposa:
— Reparaste naquela senhora que passou?

Responde a mulher:
— Uma senhora com uma saia preta, um casaco vermelho, de veludo, uma blusa branca com lacinhos e uns sapatos vermelhos? Não, querido, não reparei!...

(Continuação de um anterior)



ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE



*Pedacinho de carne, palpitante!
Que segurança, que mundo te dão?
Hoje criança, amanhã cartaz de desilusão.
Sem jardim, sem praia, sem árvores, sem pão!
Criança, negra ou branca, em mundo de contradição.
Não ao medo, não à guerra, não, mil vezes não!
Vive, criança, vive o teu mundo, constrói o teu lar.
Sê mansinha, dá carinho.
Empresta os teus brinquedos,
Oferece o teu bercinho.
Faz do mundo um barquinho,
Um baloiço, um cantinho.
Vive dócil, meu menino,
Respeita as aves, a praia, os rios, as árvores e o mar.
Diz sempre não à guerra,
Despreza quem te quer matar!*

CATY

Oh Jovens de hoje, porque Sois tão ambiciosos?

Já outrora, os nossos antepassados O eram; para quê? Para Ver quem era o melhor? Olhai Entre vós, ajudai-vos uns aos outros. Não penetreis mais nesta sociedade viciosa, Sede fraternos, amai-vos como irmãos que sois.

Depois deste apelo, reflecti um pouco E olhai bem à vossa volta, porque

Hoje, nós jovens, somos o futuro, somos Os homens do «devenir», do ano dois mil... Já os nossos pais nos diziam: — «Nunca vos Esqueçais, porque nós também já fomos aquilo que vós sois»...

J. SERROT

PONTOS DE VISTA

Por QUIM DE FÃO

GRANDEZAS E MISÉRIAS DE UM VERÃO QUENTE EM VÁRIAS FRENTE...

★ Rosário de amarguras... muro de lamentações... pré-campanha... «Jogos» com fronteiras e sem elas... do permanente académico ao político im-perfeito.

Convites... debates que encerram quando as verdades começam a ser ditas. Bocas. Falta de coragem. Promessas que não se cumprem. Desconhecem «publicamente» o que estão fartinhos de conhecer e até dão o «patrocínio». Acusam como Judas, lavam as mãos como Pilatos. Pavoneiam os tostões públicos como se fizessem obras de milhões. A imagem caricatural do nosso Conselheiro Acácio que aceita uns tostões — para obras — e deixa fugir, apoiando, obras de grande envergadura na vila velha. A Sopete vai obrigar-se a investir ou patrocinar obras de milhares de contos no concelho de Esposende. Para Fão, quanto vem? Nada. Nem um tostão furado. Para Esposende? Milhares de contos.

Ah! Leitores... no tempo de pão-com-blor, até os troços não ficavam na lixeira.

★ Apúlia, vila-nova, vai ter uma Escola Secundária. Parabéns. Já está a concurso. No próximo ano estará pronta. E Fão? A continuar com este ritmo, qualquer dia — hipirbola — nem Primária terá. A Cantina já se foi. (Não discuto a nova actividade). A Amorim Campos está-se indo. Resta-nos, daqui por alguns anos, recorrer aos vizinhos. Mas para quê, a cultura? Então não é mais fácil governar um povo bruto?

— Não me venham dizer que a autarquia tem investido na cultura. A Biblioteca? Deixem-me ir.

— Se há alguém que tem protegido e dinamizado a cultura em Fão, reconheço o papel do Professorado do Ensino Básico — Primário —; a nova Cooperativa Cultural Fangeira e alguns historiadores que de Fão e a Fão têm dedicado suas obras.

★ Mas não lamentamos só. Também aplaudimos e incitamos as iniciativas que transformem o burgo fangeiro. Assim, é de louvar o folheto — tipo anúncio de cuecas em saldo — que pedia à população para colocar vasos nas janelas, lixo nos sacos e as casas caiadas de branco. Parabéns. A intenção é louvável. Mas o reverso da moeda não se faz esperar. Uma moradora de uma artéria comercial e segundo dizem com grande volume de correspondência — houve necessidade de manter o nome tradicional da rua e acrescentar-lhe o actual — uma moradora, para manter a rua limpa e apoiando o apelo da Junta, contratou uma dúzia de galináceos que de sol-a-sol fazem a limpeza da rua, esgaraventando as ervinhas. É que há necessidade de manter o tipicismo desta terra. Há trinta anos, até as vaquinhas pastavam nas Rodas e Cortinhal. Agora, ou compramos os postais ou observamos este ex-libris — galinhas no coração de Fão.

★ As esplanadas resultaram. A animação melhorou. No entanto, no próximo ano o licenciador deverá ter em conta a hora de encerramento. Pelos vistos, houve «far-west» a altas horas numa das esplanadas e alguns turistas que vieram para descansar, não gostaram.

★ Precisam de mais luz e um pouco de música ambiente.

★ Já agora uma sugestão. Por que não colocam em écran gigante, nessas esplanadas, video-cassetes e a telenovela? A clientela jovem e feminina sala de casa mais cedo e permanecerá mais tempo na esplanada.

★ O Minguinhos! Todos o conhecem. Troca a relojoaria pela avenida do rio. Todos sabem que aquela avenida tem milhares de horas do seu trabalho e dedicação. E mais! Não quer placas. Quer morrer e permanecer anónimo. Mas o que ele não tolera é que ande de camartelo em camartelo pedindo pedra granítica para os alicerces da sua avenida e vai quando um camião de um amigo, dos amigos, lhe limpa a pedra para umas construções que se estão fazendo, lá para as Marinhas. Houve quem dissesse que o homem tinha ordem dos «mandantes de Fão». Eu não acredito. Estes rapazes, a quem chamaram «mandantes», não são tolos. Gostam de andar de cabeça-levantada. Portanto, não permitiriam uma coisa destas. E mais, como eles, «os mandantes», já sabem do que aconte-

teceu, vão obrigar o tal amigo a repôr quatro camiões — o dobro — nem que seja de lixo ou entulho, para substituir a pedra que levaram da Avenida do Minguinhos. O negócio, como diz o povo, deve «andar ela por ela», quer dizer: levo pedra da boa, dou entulho muito bom. Negócio correcto.

★ Há cerca de trinta anos, havia dois exímios cavalos em Fão que, quando alguém os picava, davam pinotes por tudo quanto era sítio. Lembram-se, como eu, do Grilo e do Tirone?

Pois sabem uma coisa que aconteceu? Pasmem! Foram substituídos pelos Motoqueiros e Opelqueiros. Só que em vez de pinotes dão pipinotes. Vai daí, aproveitam Avenida da praia e zonas residenciais hoteleiras, fazem aceleras e travagens bruscas a horas de grande movimento dos plões que de «molham» nas calcinhas e praguejam de raiva. Será para estes espartinhos se poderem movimentar à vontade que o policiamento não existe?

Ou será por riqueza fácil que se mete nas mãos destes complexados de superioridade/inferioridade de um veículo altamente perigoso? Esperam os pais e autoridades um acidente grave para pôr cobro a estas exhibições? Nós testemunhámos e ouvimos comentários de estrangeiros a este respeito. Conclusão: As lombas justificavam-se. Preso por ter cão... preso por não ter. Só não se justificariam se cumpríssemos as regras de trânsito... e fôssemos educados...

★ Mais misérias... Os vidrões. São umas casotas com um buraquinho na cúpula onde se metem as garrafas sem retorno. Aqueles dois vidrões juntos à Casa Penetra — passe a publicidade — estão a «abarrotar». Já há vidro partido em volta e espalhado pela artéria. Uma tarde de engarrafamento na estrada nacional, houve necessidade de usar aquela nesga de espaço, contornando a esplanada do mercado. Observamos um pneu ser golpeado pelo «cu da garrafa» que erguia para cima as arestas cortantes. A intenção humanitária de recolha das garrafas é feliz mas o desleixo ou esquecimento a que se entregam os vidrões verde/brancos é lamentável, sobretudo quando posicionados em lugares estratégicos, provocam estragos.

★ E o rosário de amarguras continua.

A avenida da praia apresentou, por falta de varredor, um aspecto, normalmente conspurcado.

★ O trânsito fez-se com grandes demoras e em filas compactas, sobretudo na ponte. As obras foram, em parte, culpadas.

★ Alguns contentores regressaram. E como os utentes não põem o lixo no lixo, as «pubelas» regressaram com maus cheiros e muitas moscas à mistura.

★ Já tenho colaboradores. O Cresplano vai escrever sobre as «Festas das nossas festas». Em democracia é assim. Outro fangeiro que tem as suas razões para se lamentar.

★ Fique sabendo, caro leitor:

«Só se pode amar... aquilo que se sente

«Só se sente aquilo que se pode amar...»

«À medida que o desenvolvimento económico aumentar tipo novos-ricos e janelas tipo fenêtra e a população se diversifica o bairrismo diminui».

É, com certa dose de exagero, o que está a acontecer a Fão.

«Mal vai a terra que vive dos políticos e não dos seus verdadeiros filhos. A Terra é dos filhos... a Pátria dos políticos. A Terra sente-se... a Pátria idealiza-se».

Um abraço do Quim de Fão aos doridos e uma porta aberta do Jornal para todos.

C. F. DE FÃO

Grande Campanha de Angariação de Fundos para a aquisição de uma carrinha e equipamento destinado à sede social. Custo total: 800.000\$00.

Com 50.000\$00: Mário Mano; 40.000\$00: António Fangeiro; 20.000\$00: António Fangeiro; 20.000\$00: José António (Chapinhas), António F. Gomes; 10.000\$00: Espoauto, Paulino; 5.000\$00: Eugénio Barreira, Bernardino, Dr. Carvalho de Matos, Armino, Miro, Artur, Cardoso, Lomba; 1.600\$00: Emigrante.

Apelamos a todos os Fangeiros que colaborem nesta iniciativa que visa dotar o Clube de infraestruturas básicas, não só de apoio ao departamento de futebol, bem como, possibilitar que o Clube possa rentabilizar ao máximo a sede social.

Outras iniciativas para Angariação de Fundos:

1 — Cartão de Sócio Especial, (5.000\$00);

2 — Sorteio com direito a subida do Rio Douro e respectivo fim de semana — 1 televisão a cores.

Obs.: Estas já estão em movimento.

Iniciativas a curto prazo:

1 — Peditório porta a porta;

2 — Contactos com todos os estabelecimentos comerciais Fangeiros para apoio mensal ao Clube através de uma quota;

3 — Contactos com Firmsas;

4 — Publicidade.

Agradecemos a todos os Amigos da Terra residentes na zona de Ofir no período de Verão que colaboraram no peditório.

NOTÍCIAS DESPORTIVAS

Jogos de pré-temporada:

O F. C. de Fão realizou três jogos — com o Aguçadoura F. C. (da 1.ª divisão da A.F. do Porto), empatando 2-2; com o Gil Vicente (juniores), venceu por 2-1; e empatando novamente com o Marinhas a 0-0.

Outros jogos a realizar:

A apresentação da equipa aos sócios para a época de 1989/90 e inauguração da luz. C. F. de Fão - Sporting de Braga (sub-21) e F. C. de Fão - Marinhas.

D. ALMERINDA FERNANDES MORAIS

A família, sensibilizada pelas manifestações de pesar e carinho recebidas quando do falecimento da sua ente querida, vem agradecer a todas as pessoas que participaram nas cerimónias fúnebres assim como a outras que de qualquer modo se associaram à sua dor.

NOVA GERÊNCIA



Calatrava
albergaria

Gasthaus ★★★★★

Bed and Breakfast ★★★★★

Rua M. Fiáza Júnior, 157 — Telef. 22011-27434 — Telex 33331 Latrav — 4900 VIANA DO CASTELO

FESTA DO EMIGRANTE

Coube ao C. F. de Fão organizar a festa do Emigrante. Foi escolhido o domingo, dia 21 de Agosto. De manhã, muito cedo, eram ainda 9 horas, realizou-se um encontro de futebol entre emigrantes e residentes locais. Foi uma espécie de jogo entre casados e solteiros. Pouca receita que era uma das coisas que mais interessava.

Por volta do meio dia realizou-se uma prova de automodelismo em que estiveram em confronto alguns dos melhores especialistas da modalidade. O público entusiasmou-se muito com a velocidade daqueles veículos em miniatura. Veículos em miniatura, é verdade, mas muito similares à engrenagem dos grandes. Alguns até dois carburadores levavam. Faziam um barulho dos diabos exactamente como num autódromo a sério. Foi um grande espectáculo mas a assistência não correspondeu aos grandes objectivos dos organizadores.

Finalmente o jantar no Hotel do Pinhal que ainda reuniu meia centena de pessoas, emigrantes na sua maioria. Presentes estiveram os três presidentes: da As.-Geral — Dr. Armando Saraiva, da Direcção — Aníbal Soares e do Cons. Fiscal — Dr. Carvalho de Matos que foi o organizador da festa na sua qualidade de presidente da Comissão Angariadora de Fundos. Quanto a fundos a coisa não esteve lá muito boa: cada comensal pagou 2.000\$00 e o Hotel ia cobrar 1.750\$00. Ia cobrar mas ainda não cobrou porque o Director do Hotel que por sinal é o Presidente da Direcção, ao ver a exiguidade do apuro — e deu tanto trabalhinho — disse, numa reunião de Direcção que se realizou dias depois, que ia ponderar o assunto e ver se conseguia baixar a verba.

O Presidente, quando viu que a refeição estava no fim, levantou-se e dirigiu a todos a seguinte mensagem:

SENHORES EMIGRANTES, TODOS EM GERAL

Vou usar da palavra, na dupla qualidade de anfitrião, mas sobretudo como Presidente da Direcção do nosso Clube de Futebol.

Quanto à primeira, espero que todos se sintam bem e estejam satisfeitos com a organização deste jantar, que não foi minha.

A brilhante ideia de fazer um encontro com os emigrantes partiu da Comissão Angariadora de Fundos para o Clube de Futebol de Fão, Comissão essa presidida pelo Dr. Carvalho de Matos. A ele e à sua equipa caberá o sucesso que esta noite concerteza irá ter.

Quanto à segunda e mais importante razão da minha presença, justifica-se pelo relevo que a Direcção, à qual presido, entende obviamente dar a um orçamento consistente, já que não se pode levar para a frente um projecto ambicioso, que é colocar o Fão novamente na 1.ª Divisão. É bem mais difícil subir, do que manter onde se está.

Compete pois a esta Direcção administrar criteriosamente todas as funções do Clube, nas quais se inclui a gestão dos Fundos em geral e em particular os provenientes da referida Comissão Angariadora.

Em nome dela também, agradeço a presença de todos, em especial a dos Fangueiros que labutam em terras longínquas, fazendo um claro apelo para que contribuam, hoje mesmo e no futuro, da forma como lhes irá ser proposta ou pelo meio que melhor entenderem, para o engrandecimento do vosso Clube.

Não esqueçam que o jantar é em vossa honra, que contamos convosco, visto cada vez ser o Futebol a manifestação que mais promove um local, chegando ao ponto de se considerar que quem não tem um nome que se prese neste desporto é porque também não tem gente à altura que seria de esperar, quan-

do se pretende possuir na sociedade o lugar de relevo que Fão como Vila pretende continuar a ter — em tudo, a primeira freguesia do Concelho.

Comecemos pois com o Futebol, como forma de cultura de divulgação da Terra dos que por cá nasceram e cresceram.

MUITAS PALMAS COROARAM AS PALAVRAS DE ANÍBAL SOARES

No fim começou a festa propriamente dita. Em primeiro lugar actuou o Albano, acompanhado à guitarra e violão. Tem boa presença, sabe cantar, embora o timbre de voz denote uma certa aspereza. Foi muito aplaudido. Seguiu-se outro momento musical e esse foi preenchido com música da nossa terra. A Carla Sá Pereira foi para o órgão electrónico (que o pai Júlio tinha levado propositadamente para o hotel) e as modinhas de Fão: «Fão, linda terra minha», «Ó Fão antigo» e quejandas começaram a encher a sala do restaurante, bem entoadas, emotivamente entoadas, por toda aquela gente entusiasmada. Pensamos que não há pessoas que mais vibrantemente entoem: «Ó Fão, eu quero-te tanto/ Eu amo-te tanto/ Como a minha mãe» que os nossos emigrantes. A Laia, empregada do hotel, mas habitué das nossas revistas, não se coibiu de entoar o solo de alguns números. Fê-lo com uma voz adamada, muito harmoniosa e muito à Fão.

Por isto, por estes momentos de confraternização através da música valeu a pena a Festa do Emigrante.

Pagamento de Assinaturas

Lembramos aos nossos assinantes a necessidade de liquidarem as assinaturas em atraso. A importância é tão insignificativa que muitas pessoas esquecem-se de a pagar. Quem não souber «a quantas mãos», entregará a nós directamente, ao Zé Barbeiro ou por cheque, o mínimo de 500\$00, correspondente a uma assinatura. O jornal a seguir publicará, na rubrica *Pagaram a Assinatura* o ano que se reporta e a quantia entregue.

O jornal dá um prejuízo mínimo, suportável. Mas se não pagarem a assinatura o problema complica-se.

FALECIMENTOS

No mês de Agosto faleceu em Fão, António Fernando Gonçalves, antigo praça da G.N.R. de Esposende.

Aos seus familiares os nossos pêsames.

— Na nossa terra, na sua casa do Ramalhão, faleceu durante o mês de Agosto, Almerinda Fernandes Morais.

À família e, de um modo especial, ao nosso presado colaborador José Morais Casanova apresentamos os nossos cumprimentos de pesar.

ESPLANADAS

O bar que trabalha no Clube Fãozense resolveu abrir uma esplanada no passeio defronte ao edifício. Foram colocadas três mesas, algumas cadeiras e três toldos. Com a calma e a solteira que tem feito, é uma delícia. Faz-nos lembrar os tempos dos banhistas de outrora quando ali se quedavam nos meses de verão.

O pior são as queixas (vulgo: acusas). No Posto da G.N.R. de Esposende têm aparecido cartas contendo denúncias contra uma hipotética ilegalidade. É a concorrência a fazer fôrca. Depois aparecem patrulhas da G.N.R., etc., etc. Cbatices. Mas que a ideia de colocar ali umas cadeiras naquele famoso socatrinho foi excelente, não restam dúvidas. Dá mais vida à terra. E a terra precisa de vida, não é de queixas.

ÓPTICA Oliveira

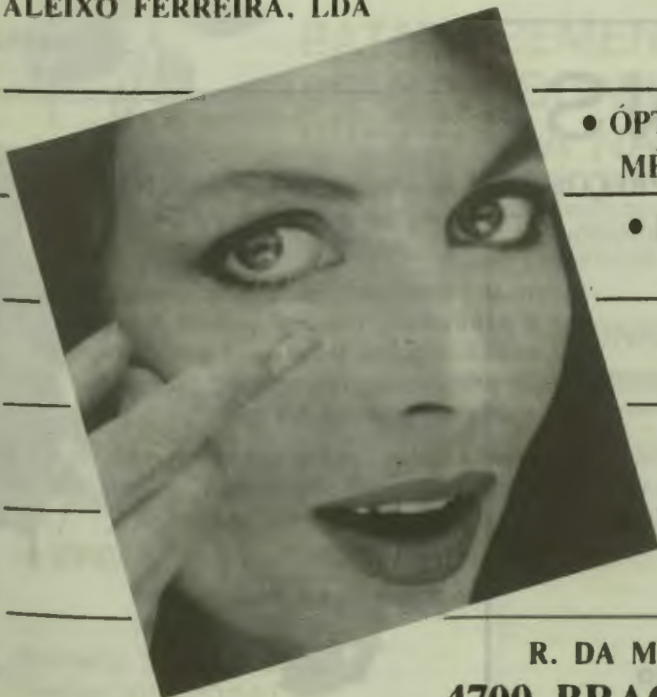
ALEIXO FERREIRA, LDA

• ÓPTICA
MÉDICA

• LENTES DE
CONTACTO

• APARELHOS
DE PRECISÃO

R. DA MISERICÓRDIA, 6/12
4700 BRAGA ☎ 7 57 77



CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

O TEMPO

Quando nascemos, todos nós temos um livro em branco, à nossa disposição, onde o tempo, como um escritor incansável, vai escrevendo dia após dia, todos os factos, pequenos e grandes, maus e bons, de que é feita a nossa vida.

Nada lhe escapa e seria bom que todo o homem se orgulhasse da sua história.

É triste saber que a maioria das pessoas atravessa esta peregrinação, a que chamamos vida, sem nada ter feito de nobre e de belo.

Gastam o tempo em futilidades, sem pensar que cada minuto não pode ser recuperado, nem repetido.

O tempo é um bem incomparável, oferecido ao pobre e ao rico e portanto deve ser poupado, preenchido e distribuído com inteligência, mas também com o coração.

Há pessoas que dizem amiguadas vezes que não têm tempo para nada e no entanto vão fazendo grandes coisas.

Outras então, nada fazem, dispondo do tempo demasiado.

Saber «gastar» sabiamente todas as horas, distribuí-las equitativamente, entre o dever, o trabalho e o auxílio ao nosso semelhante é um feito raro e só de alguns. E é pena.

Todos nós, deveríamos fazer um esforço para que o «nosso Livro» fosse preenchido, não só com heroísmos e proezas, mas também com actos de humildade, amor e solidariedade para com os fracos e humildes.

O relógio, essa máquina que nos condiciona e não pára, é um dos maiores flagelos dos nossos dias. Os ponteiros andam indiferentemente por cima de cada acontecimento, de cada espera e de cada ansiedade, sem se compadecer com o que fica para trás.

Como uma esponja, o tempo vai apagando diariamente na nossa memória, as horas

já vividas. Os desgostos são atenuados, as alegrias esbatidas e os acontecimentos ficam longínquos. Tem ainda o condão de limar as arestas do ódio.

O percurso da vida tem várias etapas. É como uma montanha!...

Os primeiros passos, exitantes, seguidos das passadas exuberantes da juventude, numa escalada para subir ao cume, são dados, sem olhar ao tempo, como se ele fosse inesgotável! Temos a sensação que as horas são compridas e que o tempo nunca nos vai faltar!

Depois, mal nos apercebemos, chegamos ao alto da montanha e quando olhamos para trás, verificamos que não fizemos tudo que tínhamos sonhado e projectado! Então, aí, comecemos a ver que o tempo já não é assim tanto, para que se possa esbanjar.

Os projectos são mais concisos e mais programados.

Por fim, quando nos encontramos na descida, a caminho do vale, somos assaltados pelas recordações, ficando-nos o sabor amargo e uma pena incontida, de não termos feito muito mais e de não termos sabido viver melhor as horas que nos foram dadas.

Aproveitar o tempo não é só dedicá-lo ao trabalho. É também saber descobrir o que nos rodeia. É saber descobrir a Natureza. É saber conjugar todos os verbos. É conhecer os homens.

É meditar sobre Deus. É saber viver, gozando as horas de descanso, com alegria, optimismo e bons amigos. As horas da meditação nunca são perdidas. Enriquecemos-nos interiormente.

Saibamos portanto aproveitar o tempo, saboreando-o minuto a minuto. Cada manhã é uma dádiva de Deus! Saibamos preenchê-lo com sabedoria.

Aqui fica um pequeno poema dedicado ao Tempo:

*É ilusão matar o tempo
E arranjar um passatempo
P'ra ver o tempo passar!
É o tempo que nos mata
Sem acabar divertimento
Nesta passagem de tempo
Por muito que o homem faça!*

*Nesta porfia constante,
Entre o tempo e o passatempo
Vai-se o homem consumindo.
Passa o tempo à nossa frente
Fica atrás o passatempo,
E nós de permeio
Eternamente dormindo!*

AQUELE AMOR

*No compasso de espera para a morte
Esta espera a que todos chamam vida
Escondo a minha mágoa a minha sorte
No fundo desta alma entristecida.*

*Cada verso, sem rumo sem ter norte,
É apelo de angústia indefinida
Ao nada, que acalente e me conforte
A esperança, que pressinto envelhecida.*

*Os sonhos que eu já tive se desfazem
São cinzas que se esfumam numa aragem
E jazem não sei onde, bem não sei...*

*Tudo morre, e p'ra ti terei morrido
E até aquele amor, amor sentido,
Certamente foi algo que sonhei.*

JOTAMARAL

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- TESTES ELECTRÓNICOS
- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRÁULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MÁQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

REIMELI, LDA.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

LongaVida



o que é bom da natureza

FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA PRÁTICA DO MELÃO

(Continuado do número anterior)

8 - ADUBAÇÃO DE FUNDO

Esta, está em função da maior ou menor riqueza do solo, e dos elementos que a cultura retira do mesmo. Para se fazer uma adu-

bação correcta, há que ter presente os resultados da análise da terra.

Por hectare, um meloal retira em média para produzir 20 a 25 toneladas, 55 Kgs. de azoto, 25 Kgs. de ácido fosfórico, 110 Kgs. de óxido de potássio, 90 Kgs. de óxido de cálcio e 15 Kgs. de óxido de magnésio. Assim, para um terreno de riqueza média, aconselhamos a utilização de 100 a 150 unidades de azoto, 80 a 100 unidades de fósforo, 150 a 200 unidades de potássio. Poder-se-á usar um adubo composto do género 12-12-17-2 (Blaukorn), à razão de 700/1000 Kgs. por hectare, ou a mistura dos adubos simples:

- Nitro-amoniacal 20,5% - 250/300 Kgs.
- Superfosfato de cálcio 18% - 450/500 Kgs.
- Sulfato de potássio 50% - 250/300 Kgs.
- ou
- Cloreto de potássio 50% - 250/300 Kgs.

9 - ADUBAÇÕES DE COBERTURA

A adubação azotada, não deverá ser feita de uma só vez, na altura da sementeira, convindo ser fraccionada em 2 vezes, eis pois o interesse em fazer adubações de cobertura com este elemento.

Deste modo, há um melhor aproveitamento do azoto, dado que é facilmente arastado para camadas profundas (lexiviação) e ao mesmo tempo, há possibilidade de o dosar mais correctamente. O adubo que deve ser usado para o efeito, é o nitro-amoniacal 20,5%, salvo se o terreno for alcalino, pois neste caso, deve-se usar o sulfato de amónio 20,5%. Convém fazer 2 adubações de cobertura à razão de 150/200 Kgs., com qualquer dos adubos, conforme as circunstâncias atrás referidas. Este adubo deve ser espalhado em volta do colo das plantas em

coroa circular, mas sem tocar neste, em seguida deve ser enterrado com uma ligeira saca. As 2 aplicações devem ser feitas com intervalos de 3 a 4 semanas.

10 - PREPARAÇÃO DO TERRENO

Esta cultura exige uma boa preparação de terra. Inicia-se a preparação do solo, no fim

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Adubos Químicos • Insecticidas
Sementes Horticolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges ☎ 812199 BARCELOS

de Outono com uma lavoura profunda de 30 a 40 centímetros, com a finalidade de favorecer o desenvolvimento radicular e o armazenamento de água. Com esta lavoura, aproveita-se para enterrar o estrume e parte da adubação fosfo-potássica e, se necessário, fazer a correcção do solo, com o calcário. No mês de Fevereiro, fazem-se 2 passagens de grade para romper a crosta superficial e eliminar um grande número de más ervas, bem como enterrar os restos de estrume que haviam ficado à superfície.

Pouco antes da sementeira, espalham-se os restantes adubos de fundo e incorporam-se com uma gradagem.

11 - DESINFECÇÕES DO SOLO

Estas são essenciais nesta cultura, sobretudo quando é feita várias vezes na mesma terra. Nestas, temos a considerar dois tipos:

- a) Com fungicidas do solo
- b) Com insecticidas do solo

a) Fungicidas do solo

Estes servem para combater os fungos que atacam a parte subterrânea das plantas. Os fungos que mais atacam esta cultura são:

- Botrytis, Rizoctonia, Fusariose
- Verticilliose, Antracnose, etc.

Para combater os dois primeiros terão de lançar mão do quintozene (Brassicol), à razão de 50/100 gramas por metro quadrado, no entanto a sua incorporação terá de ser feita na terra, com um mínimo de 7/8 meses, antes das sementeiras.

Para os restantes deverão usar uma mistura de Previcur na dose de 150 a 200 cc., com 200 g. ortho-difolatan, ou Fuclasin Ultra na mesma dose em cada 100 l. de água.



BATATA SEMENTE DE ALTA QUALIDADE! PRODUZIDA NA HOLANDA!

COOPERATIVA OBTECTORA DE VARIEDADES MUITO PRECOSES - PRECOSES
SEMI PRECOSES - SEMI TARDIAS E TARDIAS COM EXCELENTES
CARACTERÍSTICAS PARA PRIMORES. CONSUMO. EXPORTAÇÃO E INDÚSTRIA:

DESIREE - JAERLA - BARAKA - MONALISA - EDZINA

VARIEDADES EXPERIMENTADAS EM PORTUGAL { - VERMELHAS: Asterix, Bartina, Cleopatra
{ - AMARELAS: Berber, Concurrent, Frisia, Mansour, Obelix, Ukama, Van Gogh



DE ZPC: SOMOS A BATATA DE SEMENTE

Z.P.C. - PORTUGAL, LDA.
Apartado, 259
Telefax (034)311912
3800 AVEIRO

(Continuado da pág. 9)

A mistura dos dois produtos deve ser aplicada em pulverização, incidindo esta junto ao colo das plantas.

b) Insecticidas do solo:

Os insecticidas do solo servem para combater os lagartos, roscas, nótuas, ratos e afugentar as toupeiras. Há um insecticida que infelizmente é largamente usado no nosso

se usa o pó molhável ou a emulsão, utilizando 1000 litros de água. Tem ainda as vantagens de *custar 1/3 de qualquer dos atrás citados, pode misturar-se com os herbicidas na altura da aplicação destes e se poder usar após as sementeiras ou plantações.*

12 — COBERTURA COM PLÁSTICO

Esta prática tem como finalidade proteger a sementeira, estendendo sobre ela uma lâmina de plástico. As vantagens com este método são:

- a) Aumento de precocidade no nascimento das plantas
- b) Antecipação na colheita de 15 a 20 dias
- c) Antecipar a data da sementeira
- d) Prevenir os riscos de *geadas, chuvas e frios* à nascença.
- e) Menor quantidade de ervas e mais fácil e económico o seu controle.

13 — DESINFECÇÃO DAS SEMENTES

Para se conseguir o controle preventivo de algumas doenças, convém fazer a desinfeção das sementes. Para isso deverá utilizar os seguintes produtos: *Mancozebe (Kor 80)* à razão de 250 a 500 g para cada 100 KG de semente, ou o *bicloreto de mercúrio* em soluções de 1 por mil (1%).

14 — SEMEITEIRA

A sementeira do melão, duma maneira geral, faz-se no local definitivo. A semente não deve ficar enterrada mais de 2 a 3 centímetros. Se o tempo estiver *sêco*, convém, na véspera aplicar água nas covas ou covachos para facilitar a germinação, dever-se-á também pôr a semente de molho em água, durante algumas horas, e a seguir pô-la num saco, que se cobre com terra num local quente, e decorridas 24 a 48 horas, pode semear-se. Deste modo, a germinação verifica-se ao fim de 5 a 6 dias. Caso contrário demorará cerca de 2 semanas.

Os compassos dependem do sistema de sementeira, variedades usadas, fertilidade do solo, etc. Os mais vulgares em regra são de 1m x 1m, ou 1m x 2m.

Em cada covacho convém pôr 4 a 6 sementes, sendo as plantinhas depois desbas-

tadas, ficando apenas 2 ou 3 por cova.

A época da sementeira depende das condições climáticas, da temperatura ambiente e do estado das sementes. No nosso país, duma maneira geral, efectua-se de Março a Maio.



MULTIPLANTA
Sociedade de Fomento Hortícola, Lda.
VIVEIRISTA
PÉPINIÉRISTE
MORANGUEIROS
ÚNICOS DETENTORES PARA PORTUGAL DAS
MARCAS REGISTRADAS DAS SÉRIES DOUGLAS®
E CHANDLER®
(LICENÇA ZANZI-TÁLIA)

ACTINIDIAS (KIWIS)
OUTRAS ESPÉCIES FRUTÍCOLAS
VIVEIROS DE MORANGUEIROS DE ALTITUDE
NA SERRA DA ESTRELA
PRODUTORES E EXPORTADORES
TELEF. 42197 3060 CANTANHEDE

país, estando proibido em todo o mundo, dada a sua grande toxicidade, que é o Aldrin. Os produtos que devem utilizar para este efeito, deverão ser o *Thiodan em pó molhável, ou em líquido, o Dyfonate, ou o Dursban*. Os dois últimos, dado que são granulados, têm de ser espalhados e incorporados na altura das sementeiras, ou plantações. O *Rhiodan* pode ser usado em qualquer altura, pois é aplicado em pulverização na dose de 6 a 8 Kgs. por hectare, ou 6 a 8 litros conforme



estrela
adubo
FÁBRICA DE ADUBOS ORGANICOS, L.DA
ADUBO CORRECTIVO ORGANOCUÍMICO

Composição:		Plano de trabalho	
Matéria orgânica (%)	20 a 30	1,5 milhões por hectare	
Matéria orgânica (%)	20 a 30		
Azoto total (%)	2,0 a 3	Bactericidas	
Fósforo P ₂ O ₅ (%)	2 a 3	Estrato Col. Insetos Inib.	
Potássio K ₂ O (%)	1,5 a 3	Estrato Col. Fungos Inib.	
Carbono - C (%)	30 a 40	Estrato Col. Zoro Inib.	
pH	6 a 7	Estrato Col. Colónia Inib.	
C/N - 17 a 25		Estrato Col. Inib.	

ESTAMOS DESENVOLVENDO
A MINHOCULTURA
CONSULTE-NOS

Est. Nac. N.º 2 MUNA - LORDOSA
Telex 53286 Adubos P
Telex (032) 91282 - 91283
Apart. 48 Viziato 3500 VISEU

50Kgs
KILOS

15 — REGAS

As regas devem efectuar-se à tardinha, quando a temperatura da terra for aproximadamente idêntica à da água. A água deve circular em volta do colo das plantas e nunca junto destes. As regas sucessivas, dão origem a frutos de pior aroma e sabor, sujeitas a gretar. As regas feitas durante a floração são prejudiciais por provocarem más fecundações.

Quando o desenvolvimento é vigoroso, convém diminuir o número de regas e a sua intensidade. Não se deve usar a rega por aspersão, pois esta, dá origem, a que as plantas se tornem mais susceptíveis a doenças e a perturbações fisiológicas. Na época da maturação, convém alongar mais os períodos entre as regas.

16 — ROTAÇÕES CULTURAIS

Esta cultura não se deve fazer no mesmo terreno, sem decorrerem 4 a 6 anos após a anterior, dada a sua sensibilidade aos ataques de *doenças criptogâmicas*, especialmente a *fusariose* e a *verticilliose*. Esta cultura pode fazer-se, a seguir às de *batata, milho, trigo*, etc. não se deve fazer antes das culturas de *pepino, tomate, pimento, beringela*, etc.

17 — CUIDADOS CULTURAIS

As plantas, desde que tenha sido usado o plástico só nascem 5 a 6 dias após a sementeira, ficando debaixo deste até que tenham um desenvolvimento suficiente, ou seja, até aos 15 a 20 dias.

CALIBRADORES DE FRUTA 





MINI-LINHA COMPACTA
Indicada para espaços limitados
Rendimento de 2.5 - 3 ton/h

CONSULTE A **Sondeca**
TEMOS A SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA
PARCEIROS — APARTADO 12 — 2401 LEIRIA CODEX • TELFS.: 33 401-34 967 • TELEX 43811 ELIND P • TELEFAX 33693

(Continua no próximo número)

JÁ ABRIU A CAMPANHA ELEITORAL?

Uma palestra sobre poluição muito agitada

No dia 16 de Agosto o deputado à Assembleia Municipal, Altamiro Marques, deslocou-se a Fão para proferir no Salão dos Bombeiros Voluntários uma palestra que tinha por título a poluição do Rio Cávado. Presentes as autoridades administrativas da freguesia e do concelho, bastante público entre o qual alguns banhistas de longa data.

Pela assistência foi distribuído um texto compilado pelo palestrante e que o seu autor começou a ler a partir das 22 horas. A sala estava simpaticamente cheia e interessada.

Altamiro Marques desdobrou o seu trabalho em dois momentos. Num primeiro, descreveu o Cávado como era há uns anos atrás, mais de dezoito, e como ficou a partir daí. Num segundo tempo, que subtitulou de «Pão, pão; queijo, queijo», narrou à sua maneira, queremos dizer, do modo como viveu os acontecimentos, todo o processo de uma proposta sua levada à Assembleia Municipal, onde se pedia que a Câmara apresentasse queixa no Parlamento Europeu contra a Câmara de Barcelos e o Ministério da Indústria e Energia, por estes organismos terem licenciado fábricas poluidoras. Esta proposta seria aprovada por unanimidade pela Assembleia e rejeitada posteriormente pela oposição (maioritária) da Câmara.

Nesta altura pediu a palavra o Eng.º Miranda do Vale que muito simpaticamente se declarou amigo de Altamiro Marques mas acabou necessário dizer das razões que levaram Alberto de Figueiredo a, juntamente com os seus, não sancionar a proposta dimanada da Assembleia. A sua tentativa de explicação gera borborinho, surgem vozes a dizer que não queriam ali política, a Dr.ª Rosa Torres manifesta a sua concordância com o orador e este pôde finalmente retomar a palavra. Ainda antes de acabar, Armando Carneiro teve igualmente uma intervenção onde se manifestou contra a poluição que havia na vila fangueira. Falou igualmente dos restos dos frangos e dos efluentes de tinturaria da Zairinha Tuta (sic) que iam ter ao Rego da Cruz (palmas). O Dr. José Novais, a propósito, afirmou que pior que os restos dos frangos era o sítio do Cortinhal onde «ela» saía pura à superfície, proveniente da Rita Fangueira e Café do Rio. (mais palmas).

Em seguida o dr. Rui Agonia questionou o orador sobre os meios a utilizar para pôr cobro a tal estado de coisas. Altamiro Marques não soube nem pôde dar-lhe uma resposta adequada. Aproveitando a questão posta pelo dr. Rui, a Presidente da Câmara convidou os presentes para, em conjunto, encontrarem uma solução ou várias soluções sobre o problema. Falou então o Arq.º Pádua Ramos. Pediu às autoridades presentes que de vez em quando mandassem limpar a margem esquerda do rio, o que aliás fazia pessoalmente, quando vinha passar uns dias de Agosto em Fão. Prontificava-se inclusive a pagar os custos. (Se entendemos bem — temos um ouvido em greve — o Presidente da Junta disse que ele não tinha nada que fazer isso). Continuando, o Arq.º Pádua revelou que em Barcelos, os da Câmara, quando se falava em poluição, diziam que os edis de Esposende deviam, antes de mais, preocupar-se com a poluição do seu concelho. (palmas).

Finalmente usou a palavra o Né Vieira. Que todos estavam cheios de palestras. Que tinha acabado de ler a palestra (chegou tarde) e que sim senbor, o estilo até parecia de Eça de Queirós. Já quanto ao conteúdo, só continha repetições e inexactidões como aquela do apoucamento de peixes no rio. No seu entender, nunca se viram tantos pescadores como agora. (O fim do mundo na sala). Entretanto Luís Viana deu por encerrada a sessão.

Algum leitor mais atento quererá saber por que questionámos o título, isto é, por que duvidámos da linearidade da palestra.

Bem, estamos convencido que na mente de alguns responsáveis houve um propósito de aproveitamento político. Queremos dizer com isto que Altamiro Marques fez uma palestra política? Em nosso entender não fez. Altamiro Marques é um homem muito sensibilizado para o rio e todo se revolta porque o sente a morrer (a expressão é exacta) e vê que ninguém lhe acode. Tem vindo a denunciar à opinião pública todos quantos vem contrariando as suas tentativas de melhorar a situação, sobretudo a «partida» que a maioria opositorista da Câmara lhe pregou. Altamiro Marques sofre na carne a lenta mas inexorável agonia do Cávado onde outrora se embriagava o olfacto «com o cheirinho dos fetos e do bumus do reizame das margens».

Foi intencionalmente aproveitado para a recolha de dividendos políticos? É difícil duvidar que não.

A Câmara de Esposende tem sido largamente criticada por se importar mais com a poluição de Barcelos e de Perelhal do que com a do concelho. Na nossa opinião a Câmara de Esposende deve hierarquizar prioridades e ao bater-se antes de mais contra a poluição que existe a montante da captação das águas está a evitar uma possível e mais que provável catástrofe ecológica que privará o concelho de água para os seus habitantes. Não é por acaso nem por arremedo de luxos que muitas pessoas de Esposende e de Fão já não utilizam as águas dos Serviços como bebida.

Tratou-se sem dúvida de uma magnífica sessão a favor do rio Cávado. Só pecou por ser tão tardia.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORAM NESTE JORNAL

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Armando Duarte
Florinda
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
José Ferreira Neves
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRAFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

NA CAPA:

Um dos trabalhos expostos no Salão dos Bombeiros. Trata-se de um conjunto de personagens de Fão caricaturadas pelo saudoso Alceu.



ENTRE PINHAL E MAR, JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de iodo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o



HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Com quartos. Bar. Restaurantes com especialidades minhotas. Terraços. Jardins. Relvados. Piscinas. Ténis.



ESPOSENDE

Notícias Várias

Esposende não teve mãos a medir para atender os inúmeros turistas e veraneantes que a procuraram neste verão tão soalheiro e sem o vento arrelhiador de outros anos! Parecia uma grande metrópole e, por isso, também tem lados negativos pois os preços sobem e ficam para todo o ano, com tanta gente, nem tudo corre bem. Até o sentido de trânsito na Rua 1.º de Dezembro apanhou de surpresa quem nos visitou. Há que pensar no próximo ano e olhar pela nossa praia que, dias há, está imprópria para «consumo»...

As festas da vila, graças a uma comissão dinâmica, tiveram enorme luzimento. Um conjunto de realizações deu grande brilho às festividades. A procissão esteve muito bem e não fora a chuva que caiu na altura e seria excelente essa demonstração de Fé! No entanto, tudo correu bem. Parabéns à comissão.

Os movimentos dos partidos, para as eleições autárquicas, começam a estar mais agressivos. Fala-se deste ou daquele candidato e nos seus possíveis pares. No entanto, tudo está ainda, no segredo dos deuses. O concelho de Esposende precisa de autarcas que coloquem, em primeiro lugar do seu programa, o desenvolvimento da terra e o respeito social. Esperamos que possamos ficar satisfeitos, no futuro, com o trabalho dos que tomarem, a seus ombros, os interesses da comunidade local.

A Associação Desportiva de Esposende prepara-se para uma época de resultados positivos com vista ao ingresso na 2.ª Divisão Nacional. Que as suas ambições resultem, são o desejo de todos os Esposendenses.

Várias exposições de pintura foram levadas a efeito no mês de Agosto. Grande afluência de admiradores dos autores e alguns compradores, deram por bem empregues os tempos passados nas exposições! A Arte e a Cultura, nos seus variados aspectos, vão tendo o seu lugar em Esposende.

Parabéns a todos quantos contribuíram para estas realizações.

Cooperativa Cultural de Fão: EM MARCHA

Concretizou-se o sonho de um punhado de pessoas amantes de Fão e este verão já houve algumas actividades, que deram a conhecer aquilo de que a Cooperativa é capaz.

Embora criada e oficializada em Junho, e sem uma sede onde tudo seria mais fácil, foi possível organizar várias iniciativas. A primeira, que seria uma feira do livro, não foi possível por falta de barracas. Fizemos todos os esforços

para as arranjar, e, apoiados pela Câmara de Esposende, contactámos com várias entidades, mas nada conseguimos. Muita gente não emprestou por estar escaldada. Dizem que emprestam novo e recebem tudo partido.

Enfim, por uns, pagam os outros. Recorreu-se então ao Mário da Papelaria Galática, que acabou por utilizar a garagem do Minguinhos, depois de limpa e adaptada.

Comercialmente foi um êxito e não só. Levou muita gente até ao Cais, animou-se a beira do rio para o que contribuiu a beleza das noites excepcionais do mês de Agosto.

A praia também foi contemplada pela Cooperativa. No dia 19 de Agosto, organizou-se o concurso «Construção na Areia» que teve a participação de 30 crianças. Foi uma manhã animada e o interesse contagiante. O júri era constituído pela Dr.ª Maria José Borges, o eng.º Adolfo Macedo e o arq.º Alcindo Soutinho. Seguem-se as classificações:

5/8 anos: Raquel Martins Oliveira, Clara Didier, Mariana Lima.

8/9 anos: João Manuel Lopes Solinho, Manuel Pinheiro Mendes, Lutana Gonçalves.

Os prémios foram oferecidos pela Livraria Galática, pois eram constituídos por livros.

As noites mediterrânicas que se viveram em Fão foram preenchidas com alguns jogos e concursos populares.

No cais, juntou-se uma multidão para assistir a estes passatempos que foram muito animados.

Houve o jogo do travesseiro, de que saíram vencedores, Carlos Laguela e Ângela Caçador. Na corrida dos sacos (adultos) ganharam Jorge Manuel e Carlos Alberto.

(6/10 crianças) — Miguel Viana, Andrea Sousa.

(11/15) — Mário Gomes, Miguel Pedras. Jogo da cabra cega — Miguel Viana, Alexandrino Silva.

A subida ao mastro tem a sua história.

No dia 24, dia em que se realizaram todos os jogos, ninguém conseguiu subir lá acima, pelo que foi transferido para o dia 26, a 2.ª tentativa. Talvez animados com uma boa pinga que acompanhou a bela sardinha assada, os concorrentes mais audazes conseguiram atingir o alvo: um bacalhau, chouriços e uma garrafa de vinho do Porto. Isto tudo acompanhado pelos incitamentos do Fernando Pieira, e de muitas palmas e gritos de uma multidão entusiasta. Os prémios foram oferecidos pelas mercearias Carvalho, Lailai e Brás.

Durante 2 dias, também esteve patente ao

público, no Salão Nobre dos Bombeiros, uma exposição de caricaturas do Dr. Alceu, já falecido, e ainda trabalhos feitos em conchas e pedras de António Dias.

Foi um sucesso. Milhares de pessoas, estiveram no Quartel dos Bombeiros para admirar e conhecer os valores da terra.

Havia também algumas pinturas de 2 artistas fãozenses.

Para coroar este ciclo excepcional de realizações, organizou-se um passeio fluvial até à Barca do Lago, no dia 27 de Agosto.

Fretaram-se cinco barcos a motor, mas alguns participantes utilizaram meios de transporte próprios, tanto no rio, como pela estrada. O piquenique realizou-se num campo cedido pelo Viana, a quem agradecemos a gentileza. Éramos cinquenta aproximadamente. Houve muita alegria e confraternização, entre fangueiros e banhistas da velha guarda.

A organização proporcionou uma bela sardinhada acompanhada de boa borôa e saborosa pinga. Era um cortejo de pão na mão à espera que a sardinha saísse da braza. Eram deliciosas. Parabéns à organização. Depois houve a troca das especialidades de cada um e é de salientar umas «clarinhas» feitas por uma senhora das Pedreiras que nos regalou. Vinte valores.

A propósito de clarinhas e de valores, andamos com uma ideia engatilhada.

Há muitas famílias, em Fão, que fazem as tais imitações de clarinhas. Algumas muito boas, como tivemos ocasião de verificar no «dia do bolo». E se fizéssemos um concurso dos referidos doces com um júri que fosse de fora?

É uma proposta satânica mas a sugestão aqui fica.

No mês corrente pensa a Direcção da C. C. Fão realizar uma desfolhada, à moda antiga, na casa de um dos poucos lavradores que ainda restam em Fão. Vai ser, adivinha-se, mais um sucesso.

Está de parabéns a C. Cultural de Fão pela organização das Festas e pelo entusiasmo do seu Presidente, sr. José Duarte, que soube rodear-se de bons colaboradores.

Quero aqui destacar, o Manuel de Sousa da casa Penetra e o seu primo Manuel, que foram incansáveis, na montagem da exposição, na luz exterior e na sardinhada nocturna. Parabéns a todos e ao Fernando Pieira.

Uma nota de simpatia e gratidão aos Bombeiros pela magnífica ajuda dada à Cooperativa. Um obrigada a todos que ajudaram, para que ninguém fique zangado.

Estaremos atentos à realização de mais projectos para bem desta terra, dotada de tanta beleza.

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO